

ARTE COLONIAL NO RIO DE JANEIRO

INTRODUÇÃO

ARQUITETURA RELIGIOSA

ARQUITETURA RELIGIOSA DO MANEIRISMO

MOSTEIRO DE SÃO BENTO - RUA DOM GERARDO, 68

O primeiro mosteiro beneditino foi fundado na Bahia em 1581. No mesmo ano, o Provincial da Ordem decidiu pela fundação de uma instituição congênere no Rio de Janeiro. Cinco anos depois, chegaram ao Rio dois monges beneditinos: Frei Pedro de São Bento Ferraz, e Frei João Porcalho. Ficaram inicialmente na capela de Santa Luzia, na base do Morro do Castelo, mas a hostilidade com os padres Jesuítas logo tornou impossível a vizinhança.

Em 1590, receberam os monges uma dádiva generosa. Diogo de Brito de Lacerda, rico sesmeiro e comerciante do Rio, doou-lhes um morro (morro de Manuel de Brito, nome de seu pai) com capela no topo dedicada à N. Sra. da Conceição, no extremo da cidade, bem como muitos chãos, que iam da rua Direita ao morro da Conceição. Os monges ocuparam essas terras, adaptando-as para seu uso. Em 1617, iniciaram a construção do atual mosteiro, sob traça do engenheiro militar português Francisco de Frias da Mesquita, que viera ao Rio para projetar o Forte São Mateus, em Cabo Frio. Utilizaram de muita madeira, extraída da Ilha das Cobras, bem como arenito tirado de suas pedreiras na ilha das Enxadas e no morro da Viúva. Mas a obra foi muito lenta devido às invasões holandesas. Em 1633 foram lançados os alicerces, começando a obra pela capela-mór. Após 1659, um monge arquiteto, Frei Bernardo de São Bento Correia de Souza, levou adiante as obras, fazendo ligeiras alterações na disposição interna da igreja, que passou de uma para três naves, mas manteve a fachada primitiva, projetada no estilo maneirista em 1617 pelo engenheiro Francisco de Frias da Mesquita. Foi erguida entre 1633 e 1670 por Frei Bernardo de São Bento. A grande porta principal foi colocada pelo entalhador Frei Domingos da Conceição em 1671. A obra de cantaria do mosteiro anexo, iniciada pela ala que dá para a cidade, só foi conduzida em 1755, quando foi ultimado o claustro projetado pelo engenheiro militar José Fernandes Pinto Alpoim em 1742. O prédio do atual Colégio São Bento só foi construído em 1910.

Terminada a obra interna de arquitetura em 1691, três anos depois foi iniciada a talha por Frei Domingos da Conceição. Em 1717 Alexandre Machado Pereira continuou a obra, baseada em modelo de madeira deixado por Frei Domingos. Entre 1789 e 1794 foi refeita a capela-mór em estilo rococó por Mestre Inácio Ferreira Pinto. Em 1800 tudo estava concluído.

Internamente, no trono do altar mór, está entronizada a magnífica imagem em talha barrôca policromada de Nossa Senhora de Montserrat, padroeira da ordem. Ladeiam-na duas outras, de São Bento de Núrsia e Santa Escolástica. São todas atribuídas aos entalhadores Simão da Cunha e José da Conceição e Silva, os quais também se atribuem as outras imagens de São Bernardo, São Caetano, N. Sra. Do Pilar (lado esquerdo), São Braz, Santa Gertrudes, São Lourenço e Nossa Senhora da Conceição (lado direito), existentes nos altares laterais do templo. Há muitas outras menores, anônimas. Existem muitos detalhes minuciosos na capela-mór, como a talha dourada rococó de Mestre Inácio Ferreira Pinto (1789/94), destacando-se o enorme anjo tocheiro talhado por Mestre José da Conceição e Silva. Mestre Inácio soube preservar as pinturas do século XVII feitas por Frei Ricardo do Pilar entre 1676/84, versando sobre a vida de santos beneditinos. Ladeiam a capela-mór dois imensos lampadários em prata, executados em 1791 por Mestre Valentim da Fonseca e Silva (1745-1813).

Ainda em seu interior, no lado esquerdo do templo, situa-se a capela do Santíssimo, construída e decorada entre 1795 e 1800 por Mestre Inácio Ferreira Pinto, onde antes existia o velho altar de São Cristóvão. É ornada com magnífica talha dourada rococó, onde Mestre Inácio quis representar na madeira a chama divina. Possui detalhes miúdos com temas sacros emblemáticos versando sobre a fé e a pureza da religião. É dotada de bela grade em talha

rococó, atribuída igualmente a Mestre Inácio. Ao centro, existe uma curiosa coluna torsa usada como porta-bíblias, remanescente da antiga talha do altar-mór do séc. XVII, talhado por Frei Domingos da Conceição e desmontado no final do século XVIII.

A nave, com a talha barrôca iniciada em 1694 por Frei Domingos da Conceição e terminada no séc. XIX, possui preciosos detalhes que, na maioria, escapam aos turistas desatentos, como a grande imagem barrôca na entrada da igreja do Mosteiro de São Bento, talhada no final do séc. XVIII, atribuída a José da Conceição e Silva. Segundo o crítico de arte Germain Bazin, não se trata de uma santa, mas sim de alegoria da Vida Lenitiva, ou seja; a vida dentro da religião. É considerada pelo mesmo crítico como sendo a melhor imagem sacra existente em igrejas no Rio de Janeiro. Foram entalhadores na nave: Frei Domingos da Conceição(séc. XVII); Alexandre Machado Pereira (séc. XVIII) e Mestre Inácio Ferreira Pinto (séc. XVIII/XIX). Foram santeiros: Simão da Cunha e José da Conceição e Silva.

Depois de todas essas obras, foi o mosteiro vítima de alguns sinistros. Ainda em construção, foi alvejado por tiros de canhão e saqueado pelas tropas francesas do corsário René Duguay Trouin em 1711. Já em 1728, sofreu o mosteiro pavoroso incêndio, que quase o destruiu por completo. Como se fosse pouco, em 1808, cogitou D. João de ocupá-lo, transformando-o em seu Palácio Real. Não o fez, mas sediou no velho cenóbio duas guarnições do exército, que causaram não poucos danos. Seu filho, D. Pedro I, colocou mais duas tropas ali sediadas. Em 1842, quando saíram, só deixaram ruínas para os monges. Logo depois D. Pedro II proibiu a entrada de noviços, o que conduziu a casa a um período de decadência que durará todo o século XIX. Na República, a vinda de monges belgas em 1896, chefiados por D. Gerardo, deu novo ânimo à ordem. Foi o mosteiro alvejado por balas na revolta da Esquadra, em 1910; bem como na revolta do Forte de Copacabana, em 1922, quando uma bomba atingiu o claustro, sem explodir.

Tombado em 1938, foi restaurado integralmente em 1969/70, quando se demoliu o prédio antigo do Colégio São Bento, refazendo-se então a portaria original esquerda, que havia sido demolida em 1910. Tornou-se o maior relicário da arte sacra na região sudeste, e, quiçá, do Brasil. Hoje, sua tradicional missa gregoriana é disputadíssima pelos fiéis e turistas que acorrem a êle nas manhãs de domingo.

CONVENTO FRANCISCANO DE SANTO ANTÔNIO - LGO. DA CARIOCA

Em 1592, frades franciscanos provenientes do Espírito Santo chegaram ao Rio. Inicialmente, estabeleceram-se numa simples casa. Em 1607 mudaram-se para o antigo morro do Camo, assim chamado por ter sido antes oferecido aos frades camelitas, que o recusaram. Já os frades franciscanos não ficaram tão melindrados. Apenas solicitaram à Câmara de Vereadores que secasse a fétida lagoa que existia onde hoje é o Largo da Carioca. A Câmara só cumpriu esse pedido em 1679, abrindo uma vala.

No dia 04 de junho de 1608 foi lançada a pedra fundamental do Convento, sob projeto do arquiteto e frade Frei Francisco dos Santos. A 07 de fevereiro de 1617 foi rezada a primeira missa. As obras na capela prosseguiram até 1617/20, quando o Superior Frei Bernardino de San Tiago as completou. O núcleo da igreja atual ainda é o primitivo, apesar das várias reformas e sucessivas ampliações.

De 1697 a 1701 se ampliou a fachada, quando Frei Francisco da Pordúncula acrescentou-lhe uma galilé de três arcadas. De 1716 a 1719, Frei Lucas de São Francisco ampliou a capela-mór, adicionando-lhe corredores, tribunas, etc. Em 1777, Frei Martinho de Santa Teresa transformou os três arcos da entrada em três portas, cujos alizares talhados em mármore de Lióz vieram de Portugal. Em 1920/23, fez-se uma desastrosa reforma na fachada, substituindo-se o antigo frontispício do início do século XVIII, por outro em cimento, de estilo neocolonial. Aumentou-se o teto da nave e arrancaram vários painéis de azulejos. Foi autor da reforma Frei Inácio Hinte. Em

1980, uma restauração do SPHAN recompôs muito do que havia sido perdido. A igreja não possui tórres, apenas um pequeno campanário-arcada em cima da portaria do convento.

Quanto ao convento, passou por muitas obras em todo o século XVII e XVIII, até que se decidiu por sua reconstrução completa, iniciada por Frei Manuel de São Roque em 1750. Entre 1774 e 1777, Frei Boaventura de São Salvador Cepeda ultimou o conjunto. Em 1779/81 foi construída a portaria e colocada uma imagem de Santo Antônio num elegante nicho-oratório de pedra, dos últimos que sobreviveram no Rio. A imagem era considerada milagrosa e até possuía pôsto militar, recebendo soldo regular do exército até 1910. No século XIX, o convento sofreu muitos danos por ter sido transformado em quartel no Primeiro Império, perdendo obras de arte.

A decoração interior da capela é simples. Em 1620/24 já existiam três altares, que foram substituídos em 1716/19 pelos atuais, em estilo barroco, colocados por Frei Lucas de São Francisco. Nessa ocasião, a capela-mór foi inteiramente revestida de talha, com o teto decorado de pinturas ilustrando a vida de Santo Antônio. Em 1781/83 os altares receberam alterações, mas em 1920 quase foram destruídos por uma reforma mal feita. Nesta oportunidade, arrancaram muitos painéis de azulejos antigos que existiam nas paredes. Aumentaram o teto da nave em três metros, adicionando-se uma talha postiça. O púlpito foi refeito. A pintura atual dos altares data de 1822.

A Sacristia do Convento é a mais bonita do Rio. O magnífico arcaz barroco foi talhado por Manuel Alves Setúbal em 1745. Há belíssimos painéis de azulejos portugueses barrocos e pinturas no teto que contam a história de Santo Antônio. Numa sala lateral, existe um monumental lavabo português de mármore de Extremoz, encimado pela estátua da pureza.

CONVENTO DE SANTA TERESA

Em 1715 vinha à luz no Rio de Janeiro a inocente Jacinta Rodrigues Ayres, quarta filha de Manuel Rodrigues Ayres e Maria de Lemos Pereira. Jacinta, juntamente com sua irmã Francisca, desde cedo mostraram pendor para a religião, tendo ambas presenciado aparições de santos e protagonizado alguns interessantes fenômenos psicocinéticos.

Em pleno século XVIII, ainda eram proibidos no Rio de Janeiro os conventos de freiras, pois a justificativa era de que o número de mulheres na cidade era diminuto e isso prejudicaria a expansão da colônia. Jacinta, ajudada por um tio, adquiriu uma chácara na rua de Mata-cavalos (atual Riachuelo), onde restaurou uma capela dedicada ao Menino Deus. Nessa chácara as duas irmãs e um grupo de abnegadas levavam vida religiosa.

O General Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela, Governador da Capitania do Rio de Janeiro (1733-63), burlando a proibição régia, já em 1736 autorizou o funcionamento do Recolhimento do Parto, primeira agremiação religiosa feminina na cidade. Em 1742, o Governador patrocinou a fundação do convento de freiras de N. Sra. da Ajuda, no Largo da Ajuda, atual Praça Marechal Floriano, demolido em 1911.

Não escapou de Gomes Freire a devoção das duas irmãs, tendo autorizado a ambas a fundação de um cenóbio feminino dedicado à Santa Teresa de Ávila. Doou de seu próprio bolso para elas a chácara das Mangueiras, cujas terras abrangiam onde depois surgiu o bairro da Lapa.

Com esse patrimônio, em 30 de dezembro de 1744 foi fundado o convento das carmelitas descalças com o nome de Santa Teresa de Ávila. Receberam igualmente em doação uma capela abandonada situada no morro do Destêrro. Essa capelinha havia sido fundada em 1629 por Antônio Gomes do Destêrro e já tinha sido recusada pelos frades carmelitas haja vista a distância da mesma à cidade. Em 1710 havia sofrido um ataque das tropas invasoras de Jean François Duderac, tendo os franceses sido expulsos pelo pároco local. Pouco antes de 1744 ela havia pertencido aos frades capuchinhos italianos, que pouco ficaram com ela.

No dia 24 de junho de 1750 as duas irmãs lançaram a pedra fundamental do novo convento, aproveitando a capelinha já existente. Deu o plano da nova casa o engenheiro militar e brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim. Aliás, éle próprio que antes trabalhara na reconstrução do Aqueduto da Carioca(1738-44), cuidou para que o convento tivesse água canalizada.

No início de 1757 as religiosas puderam ocupar sua casa, mas os trabalhos não estavam concluídos nem em janeiro de 1763, quando da morte de Gomes Freire que lhes tinha dado início. Gomes Freire foi enterrado no chão do convento, bem como Alpoim, que morreu dois anos depois. No final do século XVIII foram colocados os maravilhosos azulejos portugueses na portaria, com cartelas temáticas e assuntos variados, de autoria ignorada. Os três altares rococós internos, todos do final do século XVIII são anônimos, mas de talha muito boa, atribuída por alguns ao Mestre Valentim(1745-1813).

O convento e a capela, que passaram por uma reforma completa no século XX, são muito simples e não foram descaracterizados. A capela é ladeada por um único campanário, do lado do Evangelho.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO CARMO DA LAPA - LARGO DA LAPA

A região da Lapa era um lugar distante do centro até meados do século XVIII, quando a construção do Aqueduto da Carioca(1712-1726), valorizou aqueles arrabaldes. A ampliação do Aqueduto em 1738-44, fez com que o local fosse procurado por seu fácil acesso à preciosa linfa.

No ano de 1751 foi iniciada a construção de uma igreja e seminário, dedicados à Nossa Senhora da Lapa. A igreja, de planta tradicional, tem o projeto atribuído ao engenheiro militar e Brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim. De nave única, singela, com sacristia atrás da capela-mór. Do lado direito da igreja instalou-se no século XIX a capela do Divino Espírito Santo, que vinha do século XVIII e situava-se originalmente em frente, onde hoje se encontra a Sala Cecília Meirelles. Apenas uma das torres foi completada, e o templo foi encimado por um frontão reto, de cunho clássico, onde, no século XIX, acrescentaram um relevo em massa no tímpano com o símbolo da Ordem Camelita.

Em 1810, os frades camelitas, desalojados dois anos antes de seu convento no Largo do Paço por ordem de D. João, estabeleceram-se no velho seminário da Lapa e converteram a igreja inacabada em sua capela conventual. Foi, então, a igreja reformada e redecorada internamente com uma talha tradicional em estilo rococó tardio, ostentando quatro altares colaterais, dedicados a Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Lapa, um dos Passos da Paixão e a Sagrada Família, estando no altar-mór a padroeira Nossa Senhora do Carmo. A talha do arco-cruzeiro foi executada em 1827. As pinturas da abóbada foram executadas na segunda metade do século XIX. Na nave, corredores e capela lateral, há uma barra de azulejos executada entre 1881 e 1890.

O antigo seminário da Lapa, reformado e transformado em convento dos camelitas, incendiou-se em 1959, perdendo-se na ocasião preciosas obras de talha e pintura. O atual edifício, ocupado por empresas privadas, não possui mais valor artístico.

O templo é tombado pelo IPHAN.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DAS CABEÇAS - RUA FARO

Onde hoje está a rua Faro, Martim ergueu um aqueduto em alvenaria, cujas ruínas ainda existem no fundo de alguns terrenos. Lá também se ergue a "Capela de Nossa Senhora das Cabeças", o qual muitos asseveram ser obra dos primórdios do século XVII. Pretendia Martim de Sá alí fundar engenho de cana, o "Engenho de Nossa Senhora das Cabeças", mas parece que algum tempo depois desinteressou-se por ele e o vendeu à Varela.

No século XIX a capelinha estava na imensa "Chácara de N. Sra. da Cabeça". Pertenceu por muitos anos à família Tosta, dos "Barões de Muritiba", sendo vendida depois de 1860 ao Dr. Luís Pereira Ferreira de Faro, neto do 1o. Barão do Rio Bonito, Joaquim José Pereira de Faro, Presidente da Província do Rio de Janeiro e grande cafeicultor(1768-1843), filho do 2o. Visconde com Grandeza do Rio Bonito, João Pereira Darrigue Faro(1803-1856), e irmão do 3o. Barão do Rio Bonito, José Pereira de Faro(1832-1899) e sobrinho do Comendador Antônio Martins Lage, do qual depois se falará. Loteada a chácara e nela aberta a rua Faro em 1870, ficou a dita capela nos terrenos da "Casa Maternal Mello Mattos", fundada no final do século XIX por este célebre Juiz de Menores, casado com Da. Francisca "Chiquita" Mattos, que por muitos anos dirigiu a instituição e preservou com carinho a velha capelinha, hoje tombada pelo "IPHAN" como a relíquia mais vetusta do bairro. Perto dela, em frente ao no. 51, existe hoje enorme figueira bicentenária, tombada pela municipalidade em 1980.

Outros engenhos surgiram na Lagoa. Baltazar de Seixas Rabelo, Juiz Ordinário da Câmara, Provedor da Misericórdia, Capitão Mór de São Vicente (1560-1637), aforou 200 braças de terras com um riacho em 1598, entre Felipa Gomes e Diogo de Amorim Soares. Ali abriu seu engenho de cana e rapadura.

Por essa época, João Martins Monteiro, pedreiro, traspassou 250 braças de terras na Lagoa para Sebastião Antunes. Essas terras foram antes de Manoel Pinto, ourives, e iam desde um riacho, onde se achava a divisa do engenho de Martim de Sá, com 600 braças de fundo, ao longo do caminho que vem do engenho para a cidade. Deve ser mais ou menos onde hoje se encontra o Parque Lage. Esse Manoel Pinto, do qual nada se sabe, obtivera essas terras antes de 1606 para nelas fazer um engenho.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA PENA - JACAREPAGUÁ

A primitiva igreja era de proporções menores, tendo sido acrescentadas alas laterais com duas portas, além da central. Esta igreja foi assinalada por Frei Agostinho de Santa Maria, no livro Santuário Mariano, datado de 1723, e ele presume que a construção tenha ocorrido durante o ano de 1664. Data de então, segundo Frei Agostinho de Santa Maria, a devoção que se formou em torno de Nossa Senhora da Pena, motivando constante procura de parte de romeiros e pagadores de promessas. No ano de 1770, após longo período de abandono e ruína, a capela foi restaurada, atraindo novamente multidões de devotos. José Rodrigues de Aragão foi o devoto que a recuperou e de suas doações são as ricas alfaias de prata, imaginárias e pinturas. Na capela mór, cuja talha é datável de 1770, encontra-se a imagem da Padroeira, de 1750. O teto é ornado com seis grandes pinturas, também datadas de 1770, de autoria ignorada. A nave é ornada com riquíssimos silhares de azulejos historiados com o tema do Novo Testamento, executados em Lisboa no ano de 1755. De seu adro avista-se o Maciço da Pedra Branca, o Morro da Panela e a Baixada de Jacarepaguá.

CAPELA DE SÃO GONÇALO DO AMARANTE - ESTRADA DO CAMORIM

Erguida em 1624 segundo provisão do Prelado Mateus da Costa Aborim a pedido de Gonçalo Correia de Sá, proprietário de todas as terras do Engenho Camorim. É uma pequena capela maneirista, muito rústica, com interior simples, ornado com pinturas ingênuas. Sofreu reforma feita pelos monges beneditinos em c. 1750, sem, no entanto, alterar significativamente sua arquitetura. A capela é tombada pelo INEPAC.

ARQUITETURA DO BARROCO JESUÍTICO

IGREJA E CONVENTO DO CARMO, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, PÇA. XV

Uma capela dedicada à Nossa Senhora da Expectação e do Parto foi erguida em 1570 na rua Direita por uma devota em cumprimento de uma promessa. Como a invocação era de difícil pronúncia pela população humilde, era conhecida como capela de "Nossa Senhora do Ó",

devido à oração de invocação desta santa iniciar com esta interjeição(Ó Virgem Maria! Ó Mãe de Deus!).

Em 1589, foi esta capela doada pela Câmara aos frades camelitas, que alteraram sua invocação para a Virgem do Camelo. Em 1611 obtiveram um terreno do lado esquerdo do templo, onde em 1619 iniciaram a construção de um convento, com pedras tiradas da Ilha das Enxadas. No século XVII o templo arruinou e foi reconstruído, mas mesmo assim ainda era uma pequena capela. O convento, ao lado era em sobrado e foi ampliado na mesma época. Assim ficaram estabelecidos os camelitas até o século XVIII.

O belo templo barroco atual foi iniciado em 1761, sob provável risco de Mestre Manoel Alves Setúbal, que ergueu a Igreja dos Terceiros, logo ao lado. A fonte de inspiração foi o Convento do Camo do Pôrto, Portugal, com o qual revela afinidades estilísticas. Quando da chegada do Príncipe D. João, em 1808, só estava pronto o Convento, tendo a igreja de ser completada às pressas com um frontispício de madeira, haja vista ter o Príncipe tê-la convertido em Capela Real por ser a mais próxima do Paço. O convento ao lado foi desocupado pelos frades, nêle se instalando a Rainha D. Maria I, a “Louca”, o Real Gabinete de Física e, no térreo, a Real Ucharia, que era o depósito do Palácio. Nos fundos, numa ala pertencente aos Irmãos Terceiros do Camo, onde fôra um hospital, foi instalada em 1810 a Real Biblioteca, com livros recuperados da Biblioteca do Infantado e da Real Biblioteca da Ajuda. O convento foi ligado ao Paço por um passadiço.

Internamente, os sete altares e as duas capelas da igreja foram iniciados em 1785 por Mestre Inácio Ferreira Pinto. O conjunto, de decór rococó, mostra grande unidade de estilo, que prova ter sido a execução realizada segundo um projeto de conjunto. O arco cruzeiro é encimado por um magnífico ornato recortado. A ornamentação da nave é dividida por pilastras de estilo coríntio, o mesmo se dando mais tarde na igreja vizinha dos Terceiros. Pinturas ovais de José Leandro de Carvalho, representando os doze apóstolos, são distribuídas pela nave, entremeando as tribunas.

Durante o reinado de D. Pedro I foi completado o frontispício, segundo o projeto do engenheiro-arquiteto Pedro Alexandre Cavroé. Êste era interessante, pois como o da Cruz dos Militares, mostrava, sob influência clássica, a volta às formas das igrejas romanas da época de Vignola. Infelizmente, foi a fachada substituída no século XX dando lugar a um frontispício descaracterizado, terminado em 1923. D. Pedro I igualmente concebeu que um dos pátios do Convento fosse convertido em Mausoléu Imperial, mas sua renúncia em 1831 fez abortar o projeto.

Em 1856 foi prolongada a antiga rua do Cano até a rua Direita, sendo a primeira rebatizada para Sete de Setembro. Sendo assim, foi feito um corte no Convento, que passou a ser ligado ao templo por outro passadiço, que foi demolido em 1890. Em 1888/1900 passou o templo por grandes obras. Reconstruiu-se toda a fachada que dava para a rua Sete de Setembro num estilo eclético, depois estendido à fachada principal. Em 1905, a pesada torre sineira foi demolida por ameaçar ruir, sendo erguida outra projetada pelo arquiteto italiano Raphael Rebecchi. Demoliu-se o pórtico da capela dos Passos, colocando em seu lugar duas janelas geminadas. As janelas foram ampliadas para acomodar vitrais. Essas obras foram inauguradas em 1900. Em 1903, o Prefeito Francisco Pereira Passos mandou retirar o gradil do adro para alargar a rua Primeiro de Março(ex-rua Direita).

Internamente, foram feitas muitas alterações. Retirou-se uma pintura do altar-mór representando a Família Real, demoliu-se dois corredores laterais, aprofundando-se os seis altares laterais, para ampliar a nave. Refez-se a pintura da capela-mór e outras obras. Essa reforma foi ordenada pelo Ministro Antônio Ferreira Viana, incumbindo-se dos trabalhos o engenheiro Adolpho José Dell' Vecchio e o artista Thomaz Driendl.

Quanto ao Convento, igualmente não escapou de adulterações. Em 1840 D. Pedro II nele instalou o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que ali ficou até 1896. Em 1907 ganhou

uma fachada eclética, projetada pelo arquiteto Henrique Fleiuss, removida pelo SPHAN em 1970, sendo recomposta em seus elementos originais. Ainda em 1896 foi nele instalada a Escola Técnica de Comércio, e, em época mais recente, a Universidade Cândido Mendes. Nos anos 80, foi construído no pátio do Convento um enorme prédio de escritórios, o Centro Empresarial Cândido Mendes, projetado por Harry Cole, que acabou desvirtuando toda a escala da praça e de seus monumentos.

A Igreja foi Capela Real de 1808 a 1822. Capela Imperial de 1822 a 1889, Catedral Metropolitana, de 1889 a 1976. Sediou, à partir de 1894, a primeira Cátedra Cardinalícia da América Latina. Hoje é a Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Antiga Sé. A Família Real e, depois a Imperial prestigiavam as procissões, particularmente a do Senhor dos Passos e a de São Sebastião, que eram, guardadas as devidas proporções, eventos mais carnavalescos que religiosos. Foi a única igreja nas Américas que serviu de palco da Sagração de um Rei, D. João, em fevereiro de 1818; e da Coroação de dois Imperadores, D. Pedro I, em dezembro de 1822 e D. Pedro II, em julho de 1841. Ali se batizaram e casaram todos príncipes de sangue real entre 1808 e 1889. D. Pedro I confirmou nela seu casamento em 1817; bem como D. Pedro II, em 1843; tendo ali se casado a princesa Isabel com o Conde D`Eu, em 1863. Num corredor lateral da capela foram depositados em 1903, por iniciativa do Bacharel Alberto de Carvalho parte dos restos mortais de Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil, trasladados de Portugal. Foram regentes da Capela Real, dentre outros, Padre José Maurício Nunes Garcia, nosso maior compositor sacro colonial; Marcos Portugal, maestro que veio com D. João em 1808; Sigismundo Neukomm, discípulo de Haidn, que veio com a Missão Artística Francesa, em 1816. Nesta igreja, começou como simples violinista, o futuro maestro Francisco Manuel da Silva, autor do Hino Nacional Brasileiro. À época de D. João VI, nela tinham côro os famosos "Castrati", jovens emasculados para manter a voz aflautada.

Presentemente, está a igreja necessitando de grandes reparos, tendo sido elaborado um projeto de restauração integral, externa e internamente, que visa restituir ao templo suas características originais.

IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO - RUA 1^o. DE MARÇO

A Ordem Terceira do Carmo foi fundada em 1648, e funcionou numa capela erguida nos fundos da igreja conventual. Desentendimentos com os frades camelitas levou a Ordem a construir seu próprio templo, num terreno doado em 1749 na rua Direita. Em 1752 foi decidida a construção do novo templo, cujas obras, entretanto, só começaram em 16 de julho de 1755, após muitas divergências. Atribui-se o projeto do templo ao Mestre Manoel Alves Setúbal, que foi seu construtor. Em 1755, um novo risco, proposto por Frei Xavier Vaz de Carvalho foi aprovado para o interior do templo. A porta principal e uma lateral em mármore de Lióz foi encomendada a canteiros de Portugal em 1760 e colocadas na igreja no ano seguinte. No ano de 1770, a igreja foi declarada terminada, à exceção das torres, sendo rezada a primeira missa no dia 10 de julho, durando as festividades quatro dias. Em 1772, foi decidido construir a Capela do Noviciado, no lado oposto à sacristia. Quanto às torres, só foram projetadas em 1846 e construídas de 1847 a 50 pelo professor de desenho da Academia Imperial de Belas Artes, Manuel Joaquim de Melo Corte Real.

A talha interna foi confiada ao Mestre Luís da Fonseca Rosa, que segundo se consta, foi mestre de Valentim da Fonseca e Silva, que também ali trabalhou. Fonseca Rosa trabalhou no retábulo da capela-mór de 1768 a 1780. Mestre Valentim executou pequenos trabalhos de 1780 a 1800 na capela-mór. A talha do corpo da igreja data do século XIX, executada em 1855 por Mestre Antônio de Pádua e Castro, em estilo rococó tardio.

A Capela do Noviciado, construída em 1772, recebeu um altar-mór feito entre 1772/73 por Mestre Valentim da Fonseca e Silva. Em 1796/97 o mesmo artista fez em estilo rococó o altar de Nossa Senhora das Dores. Os painéis à óleo desta capela, com temas sacros, são atribuídos

à Manuel da Cunha. A policromia em branco e ouro desta capela foi executada apenas em 1852. Recentemente foi a mesma restaurada.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO BONSUCESSO

A Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro foi fundada na base do morro do Castelo em março de 1582 pelo Padre José de Anchieta, para atender os doentes da esquadra espanhola de Diogo Flores Baldez, que havia aportado ao Rio naquela ocasião. Em época não especificada, mas talvez logo depois, foi fundada no hospital uma capela em honra à Nossa Senhora da Misericórdia, padroeira da casa. A capela é citada num mapa de 1613 feito pelo holandês Dirk Ruiters.

No século XVII, foi-lhe trocada a invocação para Nossa Senhora do Bonsucesso, que era uma santa adorada num dos altares laterais. Sendo o templo de pequenas dimensões, resolveu a Irmandade construir outro maior. Em 1724 a Irmandade lançou a pedra fundamental de uma nova capela-mór, executada em 1724/25 pelo pedreiro Paulo Ribeiro, mas a crônica falta de verbas impediu que se ampliasse a nave principal. Fez a planta da nova capela o Brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim, em 1760, mas a falta de recursos adiou a construção, que só pôde ser concluída em 1780. A fachada, muito simples, possui duas janelas no côro e frontispício jesuítico.

Em seu interior, a talha é do século XIX e muito pobre. O altar-mór foi feito em 1822, por uma doação de D. Pedro I. Cem anos depois, a igreja veio a receber três altares e um púlpito da Capela de Santo Inácio do Colégio dos Jesuítas, do morro do Castelo. Estes altares são interessantes, pois foram esculpidos em estilo maneirista por volta de 1620 e são os mais antigos do Rio. Na sacristia, há um belo lavabo português barroco em pedra do início do século XVIII. Funciona ali um pequeno museu de arte sacra, com santos, pinturas e as bandeiras da Irmandade, inclusive a que acompanhou o cortejo final de Tiradentes em 1792.

IGREJA DA SANTA CRUZ DOS MILITARES - RUA PRIMEIRO DE MARÇO

A Irmandade dos soldados da guarnição do Rio de Janeiro foi fundada em 1611 e, em 1623, estabeleceu sua capela no forte desocupado de Santa Cruz, fundado em 1585, da qual recebeu o nome. A capela da Vera Cruz, a partir de 1628, também serviu de local de reunião para os comerciantes e navegantes que festejavam São Pedro Gonçalves. A primitiva capela de Santa Cruz, foi construída pelos militares em suas horas de folga. As obras duraram cinco anos. Era tão sólida que serviu de catedral duas vezes, De 1703 a 1704 e de 1734 a 1737, pois a velha sé no morro do Castelo estava em precárias condições.

Durante a invasão francesa ao Rio que ocorreu em 1710, comandada pelo corsário Jean François Duderac, foi a capela de Santa Cruz atacada pelo famoso corsário. Próximo dela ele se rendeu. Foi saqueada ano seguinte pelas tropas de Duguay Trouin durante o segundo ataque francês, mas não foi destruída. Desde algum tempo tencionava a Irmandade em erguer novo templo. Em 1777 fez a planta o Brigadeiro José Custódio de Sá e Faria, tendo sido lançada a pedra fundamental em 1º de setembro de 1780, durando a construção um total de 22 anos. Foi seu construtor Mestre Antônio de Azevedo Santos, que levantou o grosso da obra entre 1794 e 1800. A talha foi feita entre 1805/12.

A nova fachada do templo foi inaugurada em 1811 por D. João. A torre seria inaugurada ano seguinte, com os sinos. Quando pronta, Santa Cruz era a melhor expressão da arquitetura barroca jesuítica no Rio de Janeiro. Trabalhou na obra de talha Mestre Valentim da Fonseca e Silva (1745 - 1813), artista genial que esculpiu a capela mór, arco cruzeiro e parte da nave. Continuou o trabalho Mestre Antônio de Pádua e Castro (1804 - 1881), que a concluiu em 1853. Ainda no século passado era o conjunto muito elogiado pelos visitantes. Nos nichos da fachada, foram colocadas as estátuas de São Mateus e São João Evangelista, esculpidas por Mestre

Valentim. Hoje encontram-se ambas no Museu Histórico Nacional. As grades foram postas em 1830 e retiradas em 1903.

A igreja contou sempre com bons protetores. O Governador Martim de Sá em 1623, D. João em 1811, D. Pedro I em 1828, o qual deu o título de Imperial à Irmandade e D. Pedro II em 1840. Como provedores, destacamos o Duque de Caxias, em 1870, e o Conde D'Eu, Ministro da Guerra de D. Pedro II. Em 1869, a pedido da tropa que combateu na Guerra do Paraguai, 10 bandeiras tomadas ao inimigo na Batalha de Avaí, no dia 11 de dezembro de 1868, foram entregues à Irmandade para ficarem depositadas na Igreja.

Em seu interior foi rezada a missa de corpo presente em sufrágio da alma do Irmão Senhor Conde D'Eu, falecido a bordo do "Massilia" em 31 de agosto de 1923. Pouco tempo depois um incêndio quase destruiu o templo, que a custo foi salvo, sendo feita criteriosa restauração. Já no século XX, continuou a Igreja da Santa Cruz dos Militares a despertar respeito pela sua preservação, haja vista a riqueza artística de seu conjunto. Tombada pelo IPHAN em 1938, instalou-se na Irmandade a Sede do Secretariado do Ano Santo em 1955.

De 1623 a 2000 são quase quatrocentos anos de participação da Irmandade na história do Rio de Janeiro.

IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DA PENITÊNCIA

A Ordem Terceira de São Francisco se instalou no Rio de Janeiro em 1619. A primeira capela, dedicada à Nossa Senhora da Conceição, foi construída perpendicularmente à igreja conventual. Em 1653, o Convento doou aos terceiros um terreno ao lado da capela, onde em 1657, os irmãos Terceiros iniciaram seu templo. A construção foi em grande parte concluída em 1736, se bem que alguns detalhes só foram terminados em 1773.

Entretanto, é na decoração interna que esta igreja mais se distingue, haja vista que nela foi feita a primeira talha rococó do Rio de Janeiro. Manuel de Brito, entalhador português fez o retábulo do altar-mór em 1726/32. Em 1732 esculpiu um púlpito. Francisco Xavier de Brito, escultor, que não se sabe se era parente de Manuel, fez a talha do arco cruzeiro até a cimalha em 1735. De 1736 a 38, fez os seis altares laterais. Manuel de Brito novamente aparece, tendo feito as talhas que recobrem as paredes da nave em 1739/40, bem como refez a cimalha, considerada imperfeita pela Ordem.

Caetano da Costa Coelho, pintor, dourou toda a obra da capela-mór e oito quadros em 1732. Quatro anos depois, Caetano pintou as imagens dos santos para os altares. De 1736 a 43, Caetano fez a belíssima pintura do teto da nave, considerada uma das mais espetaculares perspectivas barrocas do Brasil. No século XIX, a pintura sofreu restaurações que não a adulteraram.

A capela do Noviciado, ou capela de N. Sra. da Conceição, também possui um altar-mór de Francisco Xavier de Brito, feito antes de 1741, pois nesse ano nosso mestre estava já em Minas Gerais, fazendo a talha da Igreja do Pilar de Vila Rica. Esta talha, a primeira experiência rococó entre nós, foi recentemente restaurada às suas linhas originais.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO - RUA URUGUAIANA

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, dos dois santos padroeiros dos negros, foi aprovada a 22 de março de 1669. Em princípio teve sua sede num altar lateral na Igreja Matriz de São Sebastião, no morro do Castelo. Entretanto, assim que essa Matriz foi elevada à Catedral, em 1676, os irmãos do Rosário começaram a ter problemas com os cônegos da Sé. Em 1700, decidiram construir uma igreja própria, na rua da Vala (atual Uruguaiana), aberta em 1679 e que, naqueles tempos era o limite da cidade. A capela-mór, iniciada em 1701, era quatro anos depois era entregue ao culto. Em 1710 a fachada estava pronta. Construído aos poucos, em 1725 era o templo considerado terminado.

Por ironia do destino, o fato de a velha Matriz de São Sebastião, que remontava ao século XVI, ameaçar ruir, obrigou a sede episcopal do Rio a uma peregrinação, desde 1703, pelas igrejas da Santa Cruz dos Militares (1703/4, e depois 1734/7), São José(1704/34), fosse transportada em 1737 para a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, onde, apesar das queixas da confraria, permaneceu até 1808, época em que o Príncipe D. João a transferiu para a Igreja Conventual do Camo.

A igreja é interessante por seu plano muito alongado, com a capela-mór profunda e corredor em apenas um lado(Evangelho). Desde 1772, a capela-mór e a igreja tiveram de ser restauradas. Em 1773, a capela-mór foi reconstruída. Até então possuía uma pequena torre do lado do Evangelho. Nessa ocasião foi levantada a segunda torre, mas eram desiguais.

Em 1812 foi sediado em seu Consistório a Câmara Municipal do Rio de Janeiro, que ali ficou até 1825. Foi dali que saiu, a 09 de janeiro de 1822, a primeira procissão política do Brasil em direção ao Paço, solicitando que o Príncipe D. Pedro não retornasse à Portugal. Chefiou o movimento seu Presidente, o jornalista e Provedor da Misericórdia José Clemente Pereira. O resultado foi o famoso “Fico”, que abriu caminho para nossa Independência.

O templo foi extensamente reformado no século XIX, quando as torres foram reconstruídas e ganhou a fachada novo frontispício. Apenas a portada do início do século XVIII, em pedra, foi mantida. Internamente, ganhou decoração em talha e altares em estilo rococó tardio, executados pelo artista brasileiro Antônio Jacy Monteiro. O templo foi tombado pelo SPHAN em 1938, funcionando nos fundos o “Museu do Negro”.

Foi a igreja destruída por duas vezes. A primeira, em 1711, pelos franceses chefiados por René Duguay Trouin. A segunda, em tragédia de piores proporções, por grande incêndio em 1967, começado por uma vela numa sala lateral e que se espalhou por todo o templo, perdendo-se assim toda a decoração interna, altares, santos, arquivos e o precioso “Museu do Negro”, que funcionava nos fundos.

Restaurada, resolveu-se não reconstruir o interior. Sendo assim, não possui obras de arte, ressaltando-se sua nobre arquitetura. É vulgamente conhecida pelos cariocas como “Igreja da Escrava Anastácia”, por causa de uma lenda de uma negra escrava que teria sido sacrificada por seu senhor por não querer se submeter. Apesar de não haver documentação alguma que comprove essa lenda, devem ter existido muitas “Anastácias” pelo Brasil.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO E BOA MORTE

A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte foi criada em 1663, na igreja do Convento do Camo. Já a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição dos Pardos foi instituída em 1700 na Igreja da Sé, do morro do Castelo. Ambas logo desentenderam-se com as igrejas onde praticavam culto, o que as levou a erigir novo templo. Fundaram então, em 1721, uma capelinha na esquina de rua do Rosário com Ourives. Crescendo o número de irmãos, decidiram construir uma igreja maior.

Em 1735 foram lançadas as fundações do novo templo, cujas obras foram dirigidas à partir de 1738 pelo engenheiro militar e Sargento-Mór José Fernandes Pinto Alpoim. Em 1756 era colocada a portada, talhada em mármore de Lióz, vinda de Lisboa. Os detalhes só foram ultimados em 1816.

Quanto à decoração interna, possui este templo uma curiosa capela-mór octogonal, abrigando um altar-mór barroco executado em 1774 por Mestre Valentim da Fonseca e Silva, e reputado como sua primeira grande obra de talha. Guarnecem as paredes quatro grandes quadros à óleo dos evangelistas, anônimos. Os altares laterais foram esculpidos por Manuel Deveza. A santa padroeira barroca em madeira que está no altar-mór veio de Portugal, tendo sua imagem servido de modelo pelos torêutas para várias outras da cidade. A sacristia, reconstruída no século XX, possui um altar moderno feito em 1932 e duas pinturas do século XVIII, uma atribuída a Leandro Joaquim, a outra a Raimundo da Costa e Silva.

Entre 1903/05, foi aberta a avenida Central, hoje Rio Branco, tendo o engenheiro Paulo de Frontin entortado propositadamente o novo logradouro para não atingir o velho templo, de cuja santa era devoto. O cunhal da fachada passa a menos de três metros do alinhamento. No pequeno espaço do lote entre a igreja e o alinhamento, subiu então um casarão de três andares, em estilo eclético, onde por muitos anos funcionou a “Casa Simpatia”. Por causa da proximidade da velha igreja, algumas janelas da fachada não abrem por absoluta falta de espaço interno.

A torre foi refeita em 1906 pelo arquiteto Raphael Rebecchi, sendo o curioso conjunto, engastado entre as ruas do Rosário, Miguel Couto, Buenos Aires e avenida Rio Branco, de perfeita harmonia, hoje todo ele tombado pelo IPHAN.

HOSPITAL FREI ANTÔNIO - RUA SÃO CRISTÓVÃO, 870 C/ PÇA NAZARÉ

Em meados do século XVIII, os Padres Jesuítas iniciaram a construção de uma grande chácara de recreio voltada para a Praia de São Cristóvão. A capela dedicada à São Pedro (hoje São Lázaro), com nave octogonal, foi iniciada em 1752. Quando da expulsão dos padres, em dezembro de 1759, o prédio estava incompleto e foi incorporado aos bens do Estado. Leiloadas as terras jesuítas em 1761/63, resolveu o Vice-Rei Conde da Cunha transformar o edifício em lazareto, entregando-o aos cuidados da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária.

Durante o século XIX, a Irmandade completou o prédio. A fachada voltada para o interior foi projetada em refinado estilo neoclássico, encimada por frontão reto bem proporcionado, e delicadas decorações em estuque. Em fins do século XIX, a varanda voltada para o mar foi incorporada ao edifício e o prédio foi cercado por belíssimos jardins do paisagista Glaziou. Internamente, extensas obras transformaram a capela, que era um raro templo octogonal, em longitudinal, com o acréscimo de uma nave, que arruinou um dos pátios internos. Aliás, falando em pátios, originalmente eram quatro, hoje são três. Dois deles foram recobertos na primeira década do século com silhares de azulejos art-nouveau, em alto relevo, com coloração belíssima. Os acabamentos requintados como vitrais e pisos em mármore deram ao prédio uma nobreza inexistente nas outras construções à sua volta, o que transformou-o em cenário de várias novelas e filmes. Existem ainda algumas salas com valioso mobiliário do século XIX. Vale ressaltar que o antigo terraço voltado para o mar é ornado com dois enormes pináculos em alvenaria que funcionavam como um colossal relógio solar.

Infelizmente, os sucessivos aterros acabaram por afastá-lo do mar, bem como a construção de gazômetros da CEG à sua volta prejudicaram irremediavelmente sua visibilidade, permitindo apenas vislumbrá-lo por alguns momentos por quem percorre os elevados da Linha Vermelha ou a Ponte Rio-Niterói.

O prédio é tombado pela municipalidade.

SANTA CRUZ - DA FAZENDA AO DISTRITO INDUSTRIAL

A longa história da Fazenda de Santa Cruz se inicia em 1567, quando Cristóvão Monteiro obteve uma sesmaria de quatro léguas, compreendida entre Sapeaquera (Itacuruçá) e Guaratiba. Metade destas terras foi doada em 1589, pela viúva de Cristóvão Monteiro, Da. Marquesa Ferreira, aos padres jesuítas. A outra metade, os inacianos obtiveram, em 1590, da Sra. Catarina Monteiro, esposa de José Adorno e filha da referida viúva, dando-lhe, em troca, terras que possuíam nos arredores de Santos.

Em 1616, os jesuítas adquiriram dos herdeiros de Manuel Veloso de Espinha quinhentas braças de testada e 1.500 de sertão, contíguas às suas terras. Já nas cabeceiras do Guandú, havia uma rica sesmaria de seis léguas em quadra, concedida ao Capitão Manuel Correia e outros, confrontante com as terras dos padres da Companhia de Jesus, que, por escrituras de 1654 e 1656, foram adquiridas dos herdeiros de Manuel Correia (Tomé Correia de Alvarenga e Francisco Frazão de Souza) e também incorporadas à fazenda.

Constituiu-se, assim, o grande latifúndio, então conhecido como Fazenda de Santa Cruz. O tomo, iniciado em 16 de outubro de 1729, estabeleceu os seguintes limites: a Freguesia de Sacra Família do Tinguá, em Vassouras, aos fundos, a linha do Curral Falso, limitando com a Freguesia de Guaratiba, e a oeste, as terras de Mangaratiba.

Com uma área de 2.167 quilômetros quadrados ou cerca de 44.770 alqueires, a Fazenda de Santa Cruz já contava, por esta época, com uma igreja, um hospício, uma olaria, dezoito currais, carpintaria, casa de farinhas, armazém, forno de cal, uma pescaria, na ilha do mesmo nome, e uma aldeia de índios, entre o rio Itaguaí e a serra.

Durante os trinta anos que decorreram, até sua expulsão em 1759, muito fizeram os padres da Companhia de Jesus para tornar aquelas terras, então inóspitas, pantanosas e improdutivas, em glebas férteis e saudáveis, que lhes dessem recursos para a sua obra de catequese.

Grandes obras de engenharia hidráulica, admiráveis pelo bom senso revelado e pelas dificuldades com que terão lutado, contando, apenas, com a sua tenacidade e o braço escravo, foram então executadas.

Dois padres foram enviados à Holanda, a fim de estudarem a melhor solução para a defesa dos pastos de Santa Cruz contra os terríveis efeitos das enchentes. Em pouco mais de um século, tiveram os inicianos a glória de transformar uma região agreste e apaulada em terras de pastagem e cultura. Nos 22 currais, em que dividiram os campos, conseguiram ter 13.000 cabeças de gado vacum, além de grandes rebanhos de eqüinos, caprinos e lanígeros, obtendo uma renda anual de 12 mil contos de réis.

Graças ao seu tino para administrar, aos seus métodos de catequese, um único padre, Pedro Fernandes, dirigia a Fazenda. A dedicação e a virtude eram recompensadas. Cada escravo fiel podia criar até 10 cabeças de gado, tinha assistência médica, moral e sanitária além de subsistência para os filhos por conta da Fazenda.

Estavam os padres de Jesus pensando em alongar as suas vistas para os brejos de São João Grande (hoje Piloto), quando o ato do Marquês de Pombal, em setembro de 1759, vem assinalar o início da decadência. O abandono das obras, planos errados, egoísmo e maledicência arrojaram tudo à ruína.

Só em 1780/81, no governo do Vice-Rei Luís de Vasconcelos e Souza, voltou-se a olhar para Santa Cruz, assentando-se de reconstituir as obras dos jesuítas, abrir estradas por todo o sertão da fazenda e ligar o Guandú ao Itaguaí, através dos brejos de São João Grande, bem como iniciar o plantio de mandioca em Piaí e Facão (Itaguaí) e construir as respectivas casas de farinha. Erigiram-se edificações, cresceram os mandiocais e a vala de derivação foi rasgada em toda a sua extensão. A execução da vala, hoje conhecida como Canal do Piloto, ficou a cargo do Piloto Simão Antônio Rosa Pinheiro, que não a pode conduzir.

Em 1793, o Conde de Rezende mandou erigir, em Itaguaí, um engenho de açúcar, em várzeas contíguas à aldeia dos índios. E em 1794, incumbiu ao Capitão Manuel Martins do Couto Reis da direção da fazenda. Homem ativo, probo e inteligente, em pouco tempo fazia aquela região tornar-se novamente próspera. Refez os currais, adquiriu cabeças de gado e levantou os engenhos de cana de Itaguaí e Piaí. O de Itaguaí, em setembro de 1794, moía pela primeira vez, sendo em 1800 sua produção avaliada em 10 mil contos de réis. Nas serras, plantou 20.000 pés de café, que rendiam, em 1801, 153 arrobas. Admitiu arrendatários à razão de 2 réis por escravo, sendo localizadas 180 famílias. A luta política entre o fazendeiro Luiz Beltrão e o Conde de Rezende acarretou, em 1804, o afastamento de Couto Reis, contrário à venda das terras dos engenhos de Itaguaí e Piaí, levada a efeito logo em seguida.

Nova fase de decadência se inicia. Novos desmembramentos se procedem. Em 1813, é demarcada uma área para o povoado de Sepetiba; é erigida, em 1818, a Vila de Itaguaí, no local da antiga aldeia de índios. As vindas de D. João VI, D. Pedro I e D. Pedro II para Santa Cruz, utilizada como palácio oficial de verão, de 1808 a 1847, sempre trouxeram algum interesse por aquelas terras sujeitas a contínuas alternativas de progresso e decadência.

Com a Abolição da Escravatura, durante o Segundo Reinado(1888), com o arrendamento dos campos a terceiros, durante os primeiros anos da República, a malária tornou aquela região despovoada e abandonada. Os industriais Durich e La-Rue, que foram seus arrendatários, se bem que procurassem imitar os jesuítas quanto ao cultivo das terras, nada fizeram, entretanto, com referência à parte sanitária.

Só depois de 1918, os governos começaram a encarar, seriamente, os problemas da região. Em 1935/40 foi toda a baixada até Sepetiba alvo de grandes obras de saneamento pelo Governo Getúlio Vargas, conquistando dos pantanais áreas que abarcam hoje municípios inteiros. Foi engenheiro chefe destas obras o técnico Hildebrando de Araújo Góes, sendo a mesma considerada a maior operação de saneamento no mundo, haja vista o volume de obras executadas e a área atingida(cerca de 18.000 km²), hoje correspondente a todo o Distrito industrial de Santa Cruz, bem como áreas dos atuais municípios de Itaguaí e Mangaratiba, até Paracambi. Centenas de rios foram desobstruídos e muitos canais traçados, recuperando-se assim para a lavoura, terras que até então eram inúteis pelos frequentes alagamentos. Esta obra não teve rival na região sudeste até nossos dias.

Quanto à sede da fazenda propriamente dita, por muitos anos ficou arrendada à Sociedade Agrícola Souza Cruz, até ser ocupada na década de vinte pelo Batalhão de Engenharia Villagran Cabritta, que transformou a velha casa em quartel de tropa, promovendo muitas alterações. Assim sendo, foi levantado mais um pavimento e demolida a capela para ampliação do pátio de manobras militares, ato procedido em 1950 com completo desamor ao passado, relegando-se ao entulho talhas em madeira de real valor artístico. Depois de tamanha devastação, foi instalado por aquela corporação um pequeno museu militar no interior do edifício, museu este, por sua vez, bastante desfalcado recentemente.

A passagem do anel rodoviário que se constituiu na BR-101 e a instalação do pólo industrial de Santa Cruz, ambas obras efetuadas na década de sessenta, transformou por completo a fisionomia do distrito, trazendo o progresso material de forma como nem os padres inicianos poderiam conceber.

IGREJA DE SANTO ELESBÃO E SANTA EFIGÊNIA - R. DA ALFÂNDEGA

Esta pequena igreja, fundada por uma confraria de pretos, foi iniciada por uma provisão de 24 de janeiro de 1747. Foi entregue ao culto em 28 de agosto de 1754. Seu prestígio caiu muito no século XIX, principalmente após a emancipação dos escravos em 1888. Pouco tempo depois, a igreja fechou as portas por falta de fiéis. Em 1913 se encontrava em ruínas e por isso sofreu uma profunda remodelação.

Sua fachada, ladeada por um campanário de remate piriforme, possui um frontão clássico reto e lembra o tipo de fachadas do século XVII.

Internamente, sofreu profundas alterações no século XX que tiraram todo o interesse. Em 1942, esta igreja recebeu os santos da igreja demolida de São Domingos, alguns datando do princípio do século XVIII.

IGREJA DE SÃO GONÇALO GARCIA E SÃO JORGE - CPO. DE SANTANA

Essas duas imandades, a de São Gonçalo Garcia e São Jorge, surgidas ainda no princípio do século XVIII, sofriam hostilidades de outras mais poderosas e resolveram unir-se para construir um templo próprio. Êste foi erguido por provisão de 14 de dezembro de 1748, em terreno doado pelo Cônego Antônio Lopes Xavier. As obras principiaram em 1750 e terminaram em 1780, sendo o templo inaugurado a 20 de abril de 1781. Foi reconstruído no primeiro decênio do século XIX. Depois de 1818, foi-lhe acrescentada uma torre sineira. Atingida por um raio que a danificou bastante, foi reconstruída em 1913, quando ganhou um coruchéu neogótico. Seu interior foi todo reconstruído depois de 1913, tendo perdido toda a decoração original. Seu altar-

mór, em cimento, imitando obra antiga, guarda imagem de São Jorge, cuja procissão é famosa, sendo igualmente venerada pelos cultos afro-brasileiros.

IGREJA DE SANTA LUZIA - RUA DE SANTA LUZIA - CASTELO

Relatos quinhentistas informam que em 1592 um devoto fundou na base do morro do Castelo, fronteiro a uma praia, a capelinha em louvor à Virgem siracusana em cumprimento de uma promessa de cura considerada milagrosa. Esta praia é conhecida por muitos relatos, pois foi o primeiro pôrto comercial da cidade. No século XIX seria afamado balneário público.

Como a emida era pequena, foi posteriormente constituída uma imandade de devotos que obteve a 12 de janeiro de 1752, permissão para levantar novo templo. Esta igreja, que é a atual, era muito simples, com uma porta central e uma única tôrre. Em 1872 foi muito ampliada, quando ganhou a segunda tôrre e coruchéus de inspiração neogótica, recoberto de azulejos. Na mesma ocasião a fachada recebeu elegante frontispício neoclássico e duas portas. A decoração interna, muito simples, data dessa reconstrução.

A rua de Santa Luzia não existia, sendo apenas uma picada na encosta do morro. Foi ampliada e melhorada em 1811 pelo Príncipe D. João, que era devoto da santa. A praia foi finalmente aterrada em 1922, quando arrasaram o morro do Castelo. Hoje, o delicado templo da Virgem, tombado em 1938 pelo SPHAN, contrasta com a massa dos arranha-céus do Palácio Gustavo Capanema(1936/44); Ministério do Trabalho(1937/41); e Palácio Austregésilo de Athayde(1972), erguidos nas proximidades.

ARQUITETURA DO BARROCO BORROMÍNICO IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA DO OUTEIRO

O Outeiro da Glória foi propriedade de Julião Rangel de Macedo, que recebeu as terras em virtude de sesmaria. Com o seu falecimento as terras foram adquiridas pela família Rocha Freire que posteriormente as vendeu ao Dr. Cláudio Gurgel do Amaral, este por escritura datada de 20 de janeiro de 1699 fez doação à Irmadade de Nossa Senhora da Glória, constando a seguinte condição : "para nele edificar-se uma emida que fosse permanente e não sendo assim ficaria revogada a doação e com a condição de que na referida emida lhe daria sepultura a ele doador e a todos os seus descendentes e a quem lhes parecesse ".

Ainda no remoto ano de 1608 um devoto português de nome "Ayres" mantinha uma devoção à Nossa Senhora da Glória numa gruta do antigo morro do "Lery", hoje morro da Glória. Muitos anos depois, o português Antônio Caminha, natural de Aveiro, ergueu no alto do morro em 1671 uma modesta emida dedicada à Santa. Caminha era até então devoto e Irmão Terceiro de São Francisco, não se sabendo o que fez para que mudasse sua crença. Em 1699, o Dr. Cláudio Gurgel do Amaral, que morava no morro numa casa ainda existente atrás do templo, doou grande terreno no morro para construção de uma igreja permanente para que pudesse receber seus restos mortais e de sua família.

Cláudio Gurgel do Amaral era homem afeito a caridade, foi ministro da Ordem Terceira da Penitência, exerceu diversos cargos na Misericórdia , chegando ser provedor da mesma durante o período de 1703 a 1705, mas nem sempre a vida lhe sorriu pois acabou sendo assassinado.

Já em 1714 Antônio Caminha havia já obtido verbas com doações e oferendas de devotos para ereção do novo templo em pedra e cal, já que a capela de 1671 era em madeira e argila. Fez o projeto do novo templo o Tenente Coronel José Cardoso Ramalho, engenheiro militar e que depois igualmente projetou a Igreja de São Pedro dos Clérigos, no Centro, demolida quando se abriu a Avenida Presidente Vargas em 1942-44. Ramalho desenhou a Igreja da Glória em estilo Barroco Borromínico, com planta octogonal, à semelhança da Igreja de São Pedro dos Clérigos do Pôrto, Portugal. Foi o primeiro templo nesse novo estilo no Brasil colônia e, por muito tempo, quase o único.

Poucos anos depois de iniciada, em 1719 o templo era entregue ao culto, mas pequenos detalhes foram acrescentados por muitos anos. Assim, por exemplo, muitos citam que a obra de alvenaria só foi completada em 1739. A torre ficou pronta em 1741 e as três portadas em mármore de lióz, vindas de Portugal, só foram colocadas em 1779. Quando o pintor Leandro Joaquim retratou o templo pela primeira vez numa tela, em 1790, o grosso da obra estava já pronta.

Os três altares rococós do interior são belíssimos e, infelizmente, anônimos. Alguns os atribuem por comparação às obras de Inácio Ferreira Pinto, o entalhador que trabalhou na Capela Mór da Igreja do Mosteiro de São Bento. Os magníficos painéis de azulejos da nave foram feitos em c. 1728, em Lisboa, e retratam a lenda de Raquel, do Antigo Testamento.

Em 1808, chegando ao Brasil a família real a igreja passa a ter destaque acima da sua beleza arquitetônica. A Igreja foi muito freqüentada no século XIX por D. João VI e particularmente por D. Pedro I e pela Imperatriz Leopoldina, que era tão devota da virgem que acrescentou "Maria" ao seu próprio nome e batizou sua primeira filha como "Maria da Glória". D. Pedro II e a princesa Isabel também foram consagrados nesta igreja.

Em 1849, a Irmandade da Glória, fundada ainda em fins do século XVII, ganhou o título de "Imperial", do Imperador D. Pedro II, colocando-se então o brasão oficial do Império sobre o arco cruzeiro.

Apesar da preferência da família imperial não significava que a igreja afastou-se das classes menos abastadas. Exemplo maior eram as festas realizadas no dia de Nossa Senhora da Glória, 15 de agosto, quando o povo participava de toda a programação que constava de uma novena, e missa cantada pela manhã, Te Deum Laudamus e procissão a tarde, fogos de artifícios e bailes eram freqüentes na redondeza, principalmente os freqüentados pelas elites da época, como os oferecidos pela Viscondessa de Sorocaba e o do Visconde de Meriti, onde hoje se localiza o Palácio Episcopal.

Com o advento da República, os festejos simplificara-se, mas a tradição foi preservada.

No dia 5 de agosto realiza-se a mudança das vestes de Nossa Senhora da Glória. A imagem é retirada do trono e do altar-mór por irmãos graduados e numa sala contígua as tribunas, a porta fechada, é feita a troca das vestes num silêncio respeitoso. Nessa ocasião, troca-se a roupa da Santa, que, já de longa tradição, é sempre confeccionada pelo carnavalesco e museólogo Dr. Clóvis Bornay.

O templo foi tombado pelo SPHAN em 1938 e cuidadosamente restaurado, removendo-se as pinturas modernas dos altares e sendo construído atrás o Museu da Imperial Irmandade, em prédio estilo neocolonial adaptado. É o museu muito rico e possui jóias, imagens, móveis e pinturas de grande valor. Quando da festa da padroeira, a 15 de agosto, ganha iluminação especial que a torna "feérica".

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA LAPA DOS MERCADORES

No ano de 1743, vários comerciantes e moradores da rua do Ouvidor, no trecho denominado "da Cruz" (entre a rua do Mercado e Primeiro de Março), ergueram um oratório dedicado à N. Sra. da Lapa dos Mercadores na esquina de uma casa. Em 20 de junho de 1747, os comerciantes dos arredores da rua da Cruz se reuniram para decidir a formação de uma irmandade e a conseqüente edificação de um templo em honra à Nossa Senhora da Lapa. Esta igreja foi chamada "dos Mercadores".

Emitida a provisão para sua edificação a 04 de novembro de 1747, em dezembro seguinte, foram lançadas as fundações deste gracioso templo de planta elíptica. Desde 06 de agosto de 1750, já se podia benzer uma parte da igreja que estava pronta para o exercício do culto. De 1753 a 1755, conduíram-se os trabalhos. A decoração interna ficou pronta em 1766.

De 1869 a 1879, a igreja sofreu uma remodelação que equivalia a uma reconstrução. Nessa ocasião fez-se a entrada por uma galilé de três arcos fechada por grades de ferro e construiu-se

a torre sineira central. A capela-mór foi muito ampliada. Durante as obras, foi encontrado enterrado atrás da igreja um grande medalhão circular em mármore de Lióz representando a coroação da Virgem. Provavelmente estava destinado à Igreja da Ordem Terceira da Penitência, a qual pertencia o aludido terreno, e que, por algum motivo, não foi aproveitado. Foi então afixado à fachada principal, sobre a janela do côro. Duas esculturas em vulto redondo de santos em mármore de Lióz, feitas em Portugal, foram colocadas em nichos da fachada. Uma terceira, representando a religião, foi posta na torre.

Na decoração interior, muito colorida como era do gosto da classe comercial, as talhas de madeira se confundem com o estuque. Toda a obra de talha foi executada por Antônio de Pádua e Castro e os trabalhos em estuque por Antônio Alves Meira. Este último era de uma família de estucadores, cujo irmão trabalhou no interior da Candelária. Apesar da data tardia, a decoração da Nossa Senhora da Lapa dos Mercadores possui um estilo rococó tardio muito razoável e um conjunto muito gracioso.

Quando estourou a revolta na amada brasileira, em 06 de setembro de 1893, um tiro disparado alguns dias depois pelo encouraçado Aquidabã atingiu a torre sineira do templo, derrubando a estátua da Religião, que, apesar da queda de mais de vinte e cinco metros, sofreu poucos danos, sendo o fato considerado milagroso. Tanto a estátua quanto a bala encontram-se hoje na sacristia. Na torre, por sua vez, foi depois instalado o primeiro carrilhão da cidade, anterior ao da Igreja de São José.

IGREJA DE NOSSA SENHORA MÃE DOS HOMENS -R. DA ALFÂNDEGA

Uma confraria de devotos desta santa foi formada em 1850, no Rio de Janeiro. Oito anos depois, o Bispo Frei Antônio do Destêrro autorizou a formação de uma Irmandade. Esta resolveu edificar um templo, já que até então o culto era praticado num oratório de rua. Iniciadas as obras em 1858, a construção foi rápida, sendo que já em 1779 trabalhava-se na fachada. O altar-mór foi executado em 1789/90. A talha do arco-cruzeiro, do mesmo estilo, deve ter sido executada na mesma ocasião. Estes trabalhos são atribuídos a Mestre Inácio Ferreira Pinto. A nave, em excepcional formato octogonal, só foi decorada em meados do século XIX, com trabalhos em estilo rococó-tardio, devidos a Antônio de Pádua e Castro. Na capela-mór há painéis pintados pelo artista Joaquim Lopes de Barros Cabral. Toda a fachada foi refeita em estilo neoclássico entre 1856/63 pelo arquiteto Francisco Joaquim Bethencourt da Silva.

Por algumas semanas, entre meados de abril e princípios de maio, esteve escondido numa sala deste templo o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, denunciado ao Vice-Rei como integrante do movimento da Conjuração Mineira. Tiradentes, considerando ser a igreja muito freqüentada, mudou seu esconderijo para uma casa na rua dos Latoeiros, atual Gonçalves Dias, onde foi preso a 10 de maio de 1789.

Na sacristia existe um raro arcaz em madeira de jacarandá, de talha de tremidos, trabalhado em 1691 por Frei Domingos da Conceição para o Mosteiro de São Bento, e substituído cem anos depois por outro entalhado por Inácio Ferreira Pinto.

ARQUITETURA DO BARROCO POMBALINO

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CANDELÁRIA - PRAÇA PIO X

Esta igreja, uma das mais importantes do Rio de Janeiro, surgiu, como tantas outras, do cumprimento de uma promessa feita pelo casal Antônio Martins Palma e Leonor Gonçalves. Pelos idos de 1609, rumando este casal na Nau Candelária, das Ilhas Canárias para a Índia, sofreu grande borrasca que quase fez o barco soçobrar. Prometeram erguer capela onomástica da Santa do navio no primeiro porto seguro onde chegassem. Aportando ao Rio de Janeiro, cumpriram o prometido. Era originalmente uma pequena ermida, em posição transversal ao templo atual. Em 1634 foi elevada à sede paroquial, a segunda da cidade. Uma irmandade foi criada para mantê-la, sendo reerguida em 1710. Estando o templo necessitando de grandes

reparos, decidiu a mesa em 1774 pelo erguimento de novo templo, maior, cujos planos foram entregues ao engenheiro militar e Sargento-Mór Francisco João Roscio, iniciando as obras em 1775, pela fachada. Foi seu mestre-de-obras o português Marcelino Rodrigues de Araújo. Em 1811, era esta inaugurada pelo Príncipe D. João.

As obras prosseguiram com muita lentidão. Em 1830 estavam prontas as paredes laterais da nave e a capela-mór. Quando já iam bem adiantadas as obras, resolveu a imandade fazer a igreja com três naves, o que impôs a reconstrução de quase tudo que estava edificado. Em 1856 terminava-se a abóbada da nave, faltando a cúpula. Esta, representou à época um desafio para a engenharia nacional, resolvendo a mesa diretora por fazê-la de tijolos, resistindo aos que advogavam sê-la em madeira. Fez o projeto o arquiteto Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, iniciada em 1857 pelo arquiteto Job Justino de Alcântara Barros. De 1865 a 1870 continuou as obras o arquiteto Gustav Waehneltdt, e de 1872 a 74, o engenheiro Daniel Pedro Ferro Cardoso. Completou a obra em 1877 o engenheiro Evaristo Xavier da Veiga.

O revestimento da cúpula e as estátuas de mármore branco de Cintra, foram feitos em Portugal pelo artista José Cezário de Salles, e sua colocação exigiu um guindaste especial projetado unicamente para erguê-las. A cruz de bronze da cúpula foi executada por Manoel Joaquim Moreira, o mesmo serralheiro do Palacete da Ilha Fiscal. Quando pronta, atingia a 64 metros de altura e era a construção mais alta da cidade. Foi mestre de obras da cúpula o português José Francisco dos Santos.

A decoração interna demorou muito a ser executada. Ainda em fins do século XVIII, encarregou-se a decoração da capela-mór a Mestre Valentim da Fonseca e Silva, mas seus ornatos foram arrancados em 1880 para se colocar um revestimento em mármore italianos, cujos desenhos foram executados por Antônio de Paula Freitas e Heitor de Cordoville. Encarregou-se da obra a empresa Pierroni e Cresta, mandando vir da Itália o artista Alexandre Manfredi para sua execução. Os detalhes em gesso foram executados pelos artistas Bartolomeu Alves Meira e Henrique Levy.

As pinturas da cúpula, representando a Virgem, conjuntamente com as três Virtudes Teológicas (Fé, Esperança e Caridade) e as quatro Virtudes Cardeais (Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança), bem como as figuras das trompas (Jessé, Isaías, David e Salomão), foram executadas pela técnica de "marrouflage" pelos artistas João Zeferino da Costa e Henrique Bernardelli. Trabalharam como ajudantes: Augusto Rodrigues Duarte, Oscar Pereira da Silva, Guilherme G. dos Santos, João Batista Castagnetto, Sebastião B. Fernandes, Antônio Raphael Pinto Bandeira, J. F. Gomes de Souza, J. Victorino da Costa, sendo o douramento executado pelo artista Antônio de Souza Lobo. Posteriormente, foram feitos mais seis quadros colocados na abóbada fronteira, com episódios da vida da Virgem, bem como as pinturas do côro. Havia a previsão de mais dois painéis, versando sobre a Coroação da Virgem e a Invocação de Santa Cecília.

O batistério em madeira e bronze, bem como os painéis laterais da nave foram executados pelos torêutas Manuel Ferreira Tunez e Gomes Ribeiro. Os vitrais das janelas do côro foram feitos por F. H. Zettler de Munique, sendo que os modelos escolhidos da Virgem e do Menino Jesus foram, respectivamente, a segunda esposa e filho do teatrólogo Arthur Azevedo. O vitral do altar-mór, executado em 1923, foi desenhado pelo professor e arquiteto Archimedes Memória. Os dois imensos púlpitos em mármore branco e bronze, foram esculpidos em estilo art-nouveau no ano de 1931, pelo escultor português Rodolfo Pinto do Couto.

As belíssimas portas em bronze foram executadas pelo escultor português Teixeira Lopes, tendo sido vertidas em bronze pelo fundidor francês Capitain e Salin. Figuraram as portas na grande Exposição Mundial de 1889, em Paris, tendo na ocasião feito enorme sucesso. Foram instaladas em 1901 pelo engenheiro Antônio de Paula Freitas.

As duas sacristias laterais foram construídas em 1877/78 pelo engenheiro Paula Freitas, sendo a decoração em madeira de jacarandá executada pelo artista Manuel Ferreira Tunez.

Já em 1828, falava-se na mesa diretora de comprar as casas fronteiras para demoli-las e assim realçar a fachada, entalada entre construções pequenas. Em 1942, quando foi aberta a avenida Presidente Vargas, ficou a igreja isolada pelos quatro lados, numa praça posteriormente batizada como Pio X. Houve uma tentativa, proposta pelo engenheiro José de Oliveira Reis, de girar a imensa igreja para que ficasse de frente para a nova avenida. Os custos necessários para tal obra inviabilizaram a idéia. Um outro projeto, que previa a construção de uma nova fachada nos fundos do templo igualmente foi abandonada pelos altos custos.

Havia uma previsão, em 1937, de ornar a avenida com palmeiras reais, coisa nunca levada adiante. Em 1988, o Prefeito Roberto Saturnino Braga colocou a estátua fontenária “A Oferenda”, do escultor Humberto Cozzo, no jardim fronteiro ao templo. Esta estátua, que representa uma jovem despida segurando um cântaro estava originalmente na Praça Marechal Floriano, onde foi inaugurada em 1932 pelo Prefeito Pedro Ernesto Batista. Depois, esteve por muitos anos no Largo da Glória.

O estilo geral da igreja é o barroco-pombalino, vigente em Portugal durante os reinados de D. José I e D. Maria I. Ela é muito parecida com a igreja conventual de Mafra, bem como a Basílica da Estrela, em Lisboa, ambas construídas no século XVIII. O classicismo rigoroso da fachada, projetada e construída ainda no século XVIII, casou-se muito bem com a cúpula neoclássica feita em meados do século XIX.

Houve uma intenção, nunca concretizada, mas manifestada, pelo Imperador D. Pedro II, de que sua filha, a Princesa Isabel, fosse coroada Imperatriz, após sua morte, na Igreja da Candelária. A Proclamação da República, em 1889, acabou com o sonho.

IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE PAULA - LARGO DE SÃO FRANCISCO

Devoto de São Francisco de Paula, o Bispo do Rio de Janeiro, Frei Antônio do Destêrro Malheiros Reimão, resolveu fundar em 1756, na sua metrópole uma confraria da Ordem Terceira dos Mínimos. No início, abrigada na Igreja da Santa Cruz dos Militares, a Ordem mandou construir para si em 1757 uma casa própria e depois resolveu edificar uma capela à sua altura. No dia 05 de janeiro de 1759 lançou-se a pedra fundamental do novo templo, cujos trabalhos foram impulsionados ativamente até o fim do século por João de Siqueira Costa, que foi síndico da Ordem de 1780 a 1811. O risco se inspira nitidamente na igreja congênere de Lisboa. É possível que tenha sido o projetista o engenheiro militar português Brigadeiro José da Silva Paes, devoto do Santo e membro da Ordem, e que depois projetou várias igrejas em Santa Catarina, onde foi Governador. A arquitetura do templo foi concluída em 1801; embora o frontispício lhe seja posterior.

A igreja é, em seu interior, inteiramente revestida de uma decoração de talha. Este décor é extremamente pesado, possuindo apenas um atrativo em sua capela-mór, que é a última fase de Mestre Valentim da Fonseca e Silva que, segundo documentos, trabalhou de 1801 a 1813 no altar-mór e na capela de Na. Sra. das Vitórias. Com suas grandes colunas coríntias sustentando um entablamento curvo, o altar-mór demonstra o abandono, por parte de Mestre Valentim, do estilo rococó, no qual realizou sua obra-prima, a capela do Noviciado da Igreja da Ordem Terceira do Camo. Elementos rococós subsistem apenas no coroamento; eles vão ficando mais achatados e pesados por influência neoclássica nas portas e janelas da capela-mór.

A decoração da nave central foi executada a partir de 1855, baseada no projeto do pintor Mário Bragaldi, num estilo neoclássico ainda mais nítido, embora tivesse sido especificado que a obra deveria ser de “mesmo estilo e gosto” que a capela-mór. Considerado em maior harmonia com a capela-mór, o projeto de Bragaldi foi preferido ao do entalhador Antônio de Pádua e Castro, que acabara a decoração do corpo da Igreja da Ordem Terceira do Camo e arrematou a execução da nave de São Francisco de Paula. Antônio de Pádua igualmente acrescentou o pórtico neoclássico de mármore que emoldura a porta principal.

A igreja foi benta solenemente a 02 de abril de 1865.

O prédio é tombado pelo IPHAN.

IGREJA DE SÃO JOSÉ - AVENIDA PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS

Não se sabe exatamente a data de fundação desta capela, pois seus documentos de há muito foram perdidos. Provavelmente já existia em fins do século XVI, pois é citada num documento de 1619. De 1633 a 1640 foi reconstruída em pedra e cal por Egas Muniz. Por algum tempo, o cabido da Sé a utilizou como Matriz provisória, de 1704 a 1734, mas seu tamanho limitado logo impossibilitou um culto maior. Em 1751 foi elevada à condição de Igreja Paroquial. Em 1807 a Irmandade resolveu construir novo templo, haja vista o estado ruinoso do antigo. A 22 de dezembro de 1808 foi lançada a pedra fundamental com a presença do Príncipe D. João. A 10 de abril de 1824, o templo foi entregue ao culto ainda em obras, faltando o frontispício e a decoração interna.

O projeto geral da igreja foi realizado por Félix José de Souza, que iniciou a construção, substituído em 1814 por João da Silva Muniz, arquiteto da casa real, e que também projetou o Real Teatro São João, em estilo neoclássico, no Campo dos Ciganos (onde hoje está o teatro João Caetano); e a Igreja do Santíssimo Sacramento, na avenida Passos.

A igreja apresenta um risco clássico, com fachada ladeada por duas pesadas torres, sendo a nave única cercada por corredores encimados por tribunas, com sacristia transversal.

A talha interna, de estilo rococó tardio, foi executada pelo artista brasileiro Simeão José de Nazaré, aluno de Mestre Valentim. Foi iniciada em 1824 e conduzida em 1842. Em época posterior pintaram-na de branco.

Milton de Mendonça Teixeira